

ANNO V
NUMERO 109



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTT GART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar quaesquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



14 bis BOULEVARD POISSONNIERE ^{J. Pille}

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury Hors Concours

ERNESTO VIEIRA

DICCIONARIO MUSICAL

E

Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

ASSIGNATURA QUINZENAL

dos dois dictionarios, ambos ornados de numerosas gravuras.

100 RÉIS NO ACTO DA ENTREGA

de uma folha de 8 paginas do **Diccionario Musical** e outra de 16 paginas do **Diccionario Biographico**.

33 GRAVURAS FÓRA DO TEXTO

do **Diccionario Biographico** são offerecidas **GRATUITAMENTE** no fim da assignatura.

Tambem se faculta a assignatura **SEPARADA** de cada uma das obras, nas seguintes condições:

Diccionario Musical

30 RÉIS

Cada folha de 8 paginas

Diccionario Biographico

70 RÉIS

Cada folha de 16 paginas

Recebem-se assignaturas em qualquer data na:

CASA LAMBERTINI

43, Praça dos Restauradores, 49 — LISBOA

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

Rua da Assumpção, 18 a 24

Redactor principal e editor

Ernesto Vieira

SUMMARIO: Visconde de Arneiro — A organização dos concertos — Notas Vagas — O Cornetim — Noticiario — Bibliographia.

Visconde de Arneiro

Quando da lista tão minguada dos artistas portuguezes, se tem de riscar um nome como o do visconde de Arneiro, fallecido ha poucos dias na sua casa de S. Remo (Italia), é bem triste a missão do chronista e bem doloroso o dever de consignar aqui uma tão sensível perda.

Estava de ha muito afastado da patria o insigne compositor portuguez, e triste é dizel-o, a moderna geração dos nossos amadores quasi nem de nome o conhecia. Onde buscar as causas de um tão longo afastamento? N'essa eterna desprotecção e abandono a que votamos tudo quanto é nosso — n'esse desdem já legendario com que encaramos os que teem merecimento real e positivo, se nascidos em terra portugueza — ou em quaesquer outros factos de caracter mais intimo e que nada tenham que vêr com as justas aspirações de todo o artista? Quem o poderá saber?

O certo é que o visconde de Arneiro se tinha votado a um voluntario exilio, abandonando de todo e para sempre a terra que lhe fôra berço e onde passara o melhor periodo da sua mocidade.

Era um caracter jovial e despreoccupado,

typo do verdadeiro artista, um tanto esturdiado.

Havia no seu feitio uma certa causticidade e franqueza que lhe alienavam por vezes as sympathias a que tinha direito, mas em que transparecia um espirito sempre juvenil e fresco, que fazia o encanto dos que com elle conviviam. E não eram extranhos a esse encanto, os primores de uma intelligencia largamente cultivada, que faziam de Arneiro um cavaqueador interessante e um companheiro estimavel e attrahente.

Como musico, era sem contestação, uma das glorias mais legitimas da nossa Arte. Profundo conhecedor de toda a technica musical, dispondo de notaveis aptidões de compositor e convivendo constantemente com os primeiros artistas da Italia, chegou a adquirir lá fóra uma verdadeira notoriedade. Fallando nós ha dias com um dos nossos mais eruditos compositores, que foi tambem um inseparavel companheiro do visconde de Arneiro, durante a sua permanencia em Portugal, dizia-nos elle—«O Arneiro era a mais completa e vibrante organização de musico que tenho conhecido entre nós».

Assim era effectivamente sob certos aspectos e pena foi que a sua fantasia não fosse mais expontanea e os vôos da inspiração musical não fossem mais largos: seriam outras tantas obras primas os poucos trabalhos que nos legou e vel-os-hiamos ainda hoje figurar nos principaes repertorios theatraes de todo o mundo.

Chamava-se o illustre extincto José Au-



gusto Ferreira da Veiga, e nasceu em Macau a 22 de novembro de 1838, sendo filho de Joaquim José Ferreira da Veiga e de uma senhora sueca, cujo nome desconhecemos.

Fez os seus estudos universitários em Coimbra, concluindo em 1859 o curso de Direito.

Abandonou porém logo os trabalhos forenses que o interessavam muito mediocremente e dedicou-se com enthusiasmo á arte da musica, para que o chamava uma irresistivel vocação.

Teve por mestre de contraponto a Vincenzo Schira, sapiente professor de canto e de composição, que foi por alguns annos director da orchestra de S. Carlos. No piano leccionou-se com o velho Antonio José Soares, mestre de capella da infanta D. Isabel Maria.

Foi o piano o instrumento a que sempre se dedicou com mais fervôr, como executante, e dizem-nos que não só era um dos bons interpretes de todo o reportório pianístico tanto classico como moderno, mas improvisava e lia á primeira vista com grande correcção e aprumo.

Sorria-lhe porém irresistivelmente a composição, e logo pouco depois de sahir da Universidade deu á publicidade um certo numero de obras, em que não evidenciava ainda uma individualidade muito definida, é certo, mas onde já se achava uma relativa facilidade de invenção e uma notavel riqueza e elegancia na harmonia e na instrumentação.

São d'esse periodo algumas obras para piano, para canto e para orchestra, uma novena a St.º Antonio, uma missa a quatro vozes e orgão, e uma opereta que sob o titulo de *A questão do Oriente* se representou no Theatro Academico, de Coimbra.

Em 1866 (2 de março) dava-se em S. Carlos um bailado seu, com o titulo de *Ginn*, cujo exito foi bastante lisongeiro.

Pouco a pouco se affirmavam as solidas qualidades de compositor que distinguiam o nosso biographado, e alguns annos mais tarde, em 1871, já elle tinha occasião de apresentar um novo trabalho que a critica, não só nacional como estrangeira, recebeu com os maiores louvores.

Desejamos referir-nos a um *Te-Deum*, que em um concerto por elle proprio organiado em 29 de maio d'aquelle anno no theatro de S. Carlos, teve ali o mais lisongeiro acolhimento, sendo interpretes a excellente amadora D. Maria Francisca Brandão, Jorge Veiga, irmão do proprio Visconde, Alfredo Gazul, D. Emilia Lisboa, D. Olympia Perestrello e Duarte da Silva.

Transformada mais tarde esta obra em

Symphonia Cantata, foi executada em Paris, onde obteve elogiosas referencias por parte da critica, não sendo das menos valiosas as que lhe dispensou o notavel escriptor d'Arte, Oscar Comettant, que n'aquella epoca *tenait le haut du pavé* em materia de critica musical.

Dirigiram a execução d'esta obra em Paris os maestros Léon Martin e Danbé, sendo a execução confiada a Melanie Reboux, Amanda Holmberg, Miguel e Leon Lafont.

Citam-se ainda d'essa época uma *Polonaise de Concert*, *Scherzo em mi bemol*, *Refrains du printemps* e outras obras para piano, d'incontestavel valor.

Em 1875, pondo o governo a concurso a exploração do Theatro de S. Carlos, apresentou-se o visconde de Arneiro, em concorrência com Campos Valdez, Castro Pereira e a *Sociedade Lyrica Lusitana* de que era fundador Pedro Jorge Pacini, pae do actual empresario. Venceu Arneiro, mas passou logo a empreza a Troni & C.ª, que já tinham sido empresarios anteriormente.

No anno seguinte, em 31 de março, dava-se em S. Carlos a primeira representação do seu *Elisir di giovinezza*, opera em 4 actos, que pela pobreza do libretto ou por qualquer outro motivo, não logrou um exito muito animador. Foram seus interpretes os cantores Vitali, Corsi, Rota Vidal, Parboni, Bioletto, Lisboa e Reduzzi.

Foi por essa occasião, ao que parece, que fixou definitivamente a sua residencia em Italia e em 1877 dava-se no theatro Dal Verme de Milão, o seu *Elisir*, que não obteve então mais que duas representações.

Deu se então o compositor a remodelar por completo a sua opera. Aproveitando a maior parte dos numeros musicas e substituindo o libretto, por outro de Rodolpho Paravicini, extrahido de um romance inglez de Anna Radcliffe apresentou definitivamente o seu trabalho, sob o titulo *La Derelitta* e conseguiu que a empreza Valdez lh'o executasse em 1885 no theatro de S. Carlos.

Foi em 14 de março que se realisou a primeira audição d'essa opera, sob a direcção de Eusebio Dalmau e com os seguintes interpretes: Borelli, Ortisi, Devoyod, David e Soldá. Foi tambem n'essa opera e n'essa noite que se estreiou o orgão que ainda existe no nosso theatro lyrico e que foi expressamente fabricado em Londres.

Esta, como a mór parte das obras de José Veiga, pecca por desigualdade na inspiração e tambem ás vezes na factura; mas tem numeros verdadeiramente encantadores e sobre cuja apreciação não pôde haver duas opiniões. Está n'esse caso a *Preguera* a secco no 2.º acto, que é um trecho sim-

plesmente ideal: o *Preludio-barcarola* que serve de introdução á opera e que, entre parenthesis, se não prende a ella nem pelo motivo musical nem pelo assumpto, a *Kermesse* que se distingue por uma grande originalidade e frescura, e o *Tercetto* com que a opera conclue, são numeros magistraes tambem.

O trabalho de instrumentação em toda a opera é muito cuidado e a execução nada facil.

A sua ultima opera, que ainda não viu a luz da ribalta, foi inspirada no romance de Alexandre Herculano *O Bôbo* e tem por titulo *D. Bib s.*

De ha muito que o Visconde de Arneiro vinha burilando este seu novo trabalho: fundava n'elle as suas melhores ambições de compositor e reputava-o a sua melhor obra.

Por occasião do centenario da India, houve quem se interessasse junto do governo portuguez para que o *D. Bibas* fosse cantado em Lisboa, mas o auctor tinha exigencias serias no tocante á *mise-en-scène* e ao apparato com que a sua obra devia ser posta e o governo não teve a coragem de dispendir a quantia precisa para a satisfação d'essas exigencias.

Em Italia tambem não foi cantada, obtendo porem a primeira classificação em um concurso de operistas, onde figuraram compositores italianos altamente cotados.

Um dos nossos collegas diarios, *As Novidades*, aventa a ideia de que seja agora representado o *D. Bibas* na primeira scena lyrica do paiz como justa homenagem á memoria do nosso illustre compatriota.

Applaudimos a ideia com todas as nossas forças e por ella pugnaremos n'esta folha, com o mais caloroso entusiasmo.

Mas, ai de nós, o inverno vem longe e os emprezarios theatraes nem sempre gostam de ser incommodados com cousas que os façam esportular os cobres e que demais a mais... já lá vão.

Se ainda o governo tivesse pensado que o unico meio de incitar o artista portuguez seria facilitar-lhe a execução das obras: se se tivesse lembrado de exigir ás empresas o ligeiro tributo de uma opera nacional todos os annos...

Assim, pela forma como as cousas lyricas vão caminhando no nosso paiz, não nos parece empreendimento facil, esse que as *Novidades* tão generosamente apontam; mas nada impede que todos nos interessemos, pela palavra e pelo factio, n'uma cruzada de tão alto alcance patriotico e artistico. E sobretudo... mettamos empenhos

Para terminar este ligeiro esborço biographico do Visconde de Arneiro, digamos ain-

da que era official da Ordem de S. Thiago, addido honorario de legação, membro da *Sociedade dos compositores dramaticos francezes* e bacharel formado em Direito pela nossa Universidade.

Pertenceu a uma familia de musicos. Seu irmão José era um barytono de muito valôr e colheu grandes triumphos em muitas das principaes scenas lyricas europêas.

Seu irmão Jorge foi conhecidissimo em Lisboa, como um dos primeiros *dilettanti* e tinha tambem um bella voz, de que tirava um grande partido. Um dos seus filhos, José Veiga, cursou em Italia o bel-canto e o violoncello, produzindo-se varias vezes n'este instrumento em concertos da *Academia de Amadores*, *Escola de Musica de Camara*, etc. Mary d'Arneiro, sua filha adoptiva, que estudou o Canto sob a direcção do proprio Visconde, é hoje um dos sopranos dramaticos de mais reputação no mundo theatral e diz-se que está este anno escripturada para S. Carlos, onde em tempos estreiou a sua carreira lyrica no papel de Margarida do *Fausio*.

Falleceu o Visconde de Arneiro na sua casa de San Remo, a 7 d'este mez.

A organização dos concertos

As considerações que seguem e que extractamos nas suas linhas geraes de uma interessante revista musical franceza, hoje extincta, adaptam-se perfeitamente ao nosso meio, onde o *Concerto-mayonnaise* tem tambem infelizmente fóros de cidade. Deixamos no emtanto ao sr. Jean d'Udine, auctor do artigo francez, a responsabilidade de certas affirmações, com que realmente não concordamos.

Eis a sumula do artigo:

Não se pode conceber mais falsamente do que entre nós a arte de divulgar os conhecimentos musicaes por meio de pequenos concertos, e a esse numero pertencem, no meu parecer, as sessões quer de profissionaes, quer de amadores, desprovidas de conjunctos symphonicos, e ainda as de provincia na sua quasi totalidade, em que se ouvem orchestras bastante consideraveis. E' vulgar que se julgue prestar culto á verdade pura, celebrando o interesse d'essas manifestações sonoras ou fallando emphaticamente da sua efficacia didactica. Inversamente proponho-me esboçar as causas da absoluta nulidade da maioria d'ellas, quer sob o ponto de vista do valor musical, quer em relação

aos progressos susceptíveis de exercer na educação artística dos auditores. Essas causas afiguram-se-me de duas indoles: umas relativas á confecção de programmas, as outras á execução d'elles.

O que impressiona vivamente o senso critico do observador é a desconexão abrupta dos numeros que se succedem em quasi todos os programmas. Cada audição divide-se invariavelmente em duas ou tres partes, cuja separação obedece unicamente ao periodo do tempo necessario para o desempenho, podendo o intervallo fazer-se entre dois dados numeros como igualmente poderia dar-se entre quaesquer outros.

E' assim que n'uma mesma audição ouvimos a *Symphonia pastoral* e uma sonata de Godard, a abertura do *Barbeiro* e o recitativo de Logue, a scena da mancenilheira da *Africana* e o somno de Fervaal succedendo-se do modo mais imprevisito quanto injustificado.

Não me proponho intentar um processo de tendencia aos organisadores de concertos, exigindo-lhes que exclusivamente compozessem os seus programmas com a musica que affecciono e prefiro por convicção e gosto pessoal, desejaria porem que traçassem uma linha bem mais precisa e proseguissem um intuito melhor definido. A que tendem essas assimilações extravagantes? a contentar cada qual?... e tantas vezes, bem ao contrario, não desagradam a todos? Ao reaccionario em musica figurará sempre um attentado, a inclusão dos nomes de Wagner, Borodine, ou Vincent d'Yndy no cartão que recebe á entrada da sala, ao passo que um intransigente modernista bocejará á simples ideia de ir ouvir Rossini ou Meyerbeer! Praticamente taes audições não se explicam como ainda menos se justificam sob a razão psicologica.

Recordar-se-hão das expressões desesperadas que Tolstoi na *Sonata a Kreutzer* põe na bocca do seu principal personagem «toda a musica é horrorosa. . . embora pretendam que ella deva commover o espirito. Estupidez! Mentira! E' poderoso o seu effeito, decerto, mas — fallando por mim — não eleva absolutamente a alma como a não envilece, excita-a simplesmente. Como descrever-vol-o? A musica produz-me o esquecimento, a abstracção de momento, faz-me aceitar aquillo em que não creio, e causa-me o effeito do bocejo ou do riso. Bocejo e rio ao contagio dos que bocejam e riem junto de mim. E a musica transporta-me ao estado de espirito em que se encontrava o auctor. Minh'alma identifica-se com a sua, e sigo-o d'um a outro sentimento». Nesta opinião comquanto excessiva encerra-se

uma forte verdade. Nos seres verdadeiramente artistas, a alma adapta-se temporariamente ao meio creado pela execução d'uma obra musical. Por conseguinte, como se pode fazer derivar, impunemente, o auditorio, em cerca de trez horas, d'uns a outros estados da alma, radicalmente distinctos estes d'aquelles? Resultar-lhe-ha uma excitação em breve transformada em enervamento, e estas correntes alternativas provocam commoções que desnaturam dolorosamente a satisfação musical que se esperava obter.

Nos assistentes dotados de mediocre temperamento artistico e rudimentar educação musical, a adaptação do espirito ao sentimento da obra, (nó que reside propriamente a intelligencia da musica) não tem tempo de effectuar-se, em meio da mistura desordenada de sons, e pode-se ver n'uma sala de concertos grande numero d'espectadores que exprimem no rosto a mesma impressão durante um *andante* Schumaniano ou a aria do tambor-mór, da *Catiz*. Pretenderá alguém dizer que conseguiu adiantar alguma cousa a educação dos assistentes? E, note-se, não me referi ainda aos numeros absolutamente nullos, demolidores do bom gosto, ou dos que executam *virtuosi* inconscientes.

Força é reconhecer quão defeituosa é na sua essencia a forma d'audição musical, dita *concerto*! Como um mal necessario exerce na arte dos sons analogo effeito ao que os Museus exercem na educação dos povos.

Exponde cem quadros n'uma salla, na qual o publico vae iniciar-se nos mysterios da pintura a custo d'enxaquecas e torcicollos. Extrahi algumas paginas das obras dos compositores e fazei-as executar deante de centenas de pessoas heterogeneas, sob a acção das preoccupações mundanas. Ainda assim para que essas exhibições possam ter valor é forçoso que o agrupamento dos quadros ou trechos musicas obedeçam á determinada relação de contacto. Disseminando por sallas diversas as obras do mesmo pintor, ou collocando — ponta a ponta — quadros de Rembrandt, Raphael, Vellasquez, Murillo, Poussin e Millet o publico sahirá sem a menor instrucção artistica, ou como se achava antes da visita.

A unidade é o elemento indispensavel de todo o ensino. Colocae, por exemplo as paisagens a um lado, a outro os quadros de genero, além as composições decorativas, mais distante as scenas historicas. Preferis acaso classificação diversa? Reuni aqui os mestres flamengos, alem os francezes, acolá os italianos, mais longe os hespanhoes. Inversamente procedeis a synthetisações chronologicas, tanto monta. Mas sómente um

methodo preciso, um plano rigorosamente seguido na organização das exposições ponde satisfazer o gosto de erudito, desenvolvendo a par o do ignorante.

Na musica, impoem-se as mesmas preocupações d'unidade. E' necessario que um forte laço ligue uns aos outros os diversos numeros do programma: laço de forma, assumpto, ou tendencia; festival, authologia, historia da sonata ou da abertura, da barcarola ou da cavalgada; isso pertence ao empresario. Porém, que em virtude d'esse laço d'unidade se comprehenda algo da economia do concerto! O conhecedor derivará deliciosamente d'uns a outros effeitos d'alma, verá atravez dos estylos as epochas successivas, as maneiras differentes d'um auctor ou ainda os diversos modos d'expressão do mesmo sentimento, e o auditorio poderá assimilar-se o que lhe propõem, impregnando-se ou do systhema, ou da emoção que tentaram fazer-lhe conhecer e partilhar. E todavia quanto se affastam d'esse logico *desideratum* a immensa maioria das actuaes sessões de musica!

Se quizermos formar noção exacta do vicio que corroe radicalmente a interpretação de taes programmas kaleidoscopicos, interroguemos a attitude do publico durante a execução e transportemo-nos a qualquer cidade mediana, para a nossa observação, pois que é ahí que mais ostensivamente se nos deparam todos os defeitos contra que me insurjo.

O concerto abre geralmente por um trecho *d'ensemble*, executado pela orchestra do theatro, ou pelo nucleo d'amadores que constituem a phalange activa da sociedade a cuja iniciativa se deve a festa. Entretanto o ruido das cadeiras, a entrada dos retardatarios e as saudações que entre si se distribuem, impedem que qualquer espectador preste attenção a esse primeiro numero, que termina em meio da geral indifferença. Essa indifferença será sempre uniforme e constante durante a audição dos trechos d'orchestra seguintes. Para o auditorio constituem o *mólho* do concerto, e do qual não tencionam sequer *provar*. É a proposito seja-me licito recordar um facto bem caracteristico do sentimento da massa a tal respeito. N'uma cidade do Oeste da França, bastante importante, e muito sensível ás ideias de progresso, o organisador dos concertos—muito estimados, por serem seguidos de bailes—conseguiu á custa de esforços titanicos fazer aprender á sua orchestra a primeira symphonia de Beethoven. Restava-lhe ainda o mais difficil: fazer que os «membros honorarios da sociedade» approvassem a execução publica d'uma peça tão consideravel. Quantas precauções

e expedientes não foram precisos empregar!

Fui commissionedo para por meio da imprensa iniciar os conterraneos insistindo sobre a excellencia da obra e suggerir-lhes quanto se devia admirar Beethoven, não omitindo, o que seria imperdoavel, de advertil-os do desenvolvimento e tamanho da peça, para cuja execução eu marquei, se bem me lembro, trez quartos de hora. Uma semana antes do concerto nos salões elegantes fallava-se como d'um supplicio da proxima audição. Na noute de concerto quando chegou o momento de se tocar a *symphonia em dó maior*, como que se todos estivessem apostados, cada qual puxou do relógio para marcar a hora a que começava. Não foi uma audição, mas antes uma conferencia horaria.

Devemos louvar a consciencia com que os corajosos amadores se desempenharam da tarefa. Mas no ultimo momento, o chefe d'orchestra assaltado de repentino terror supprimiu todas as repetições, encurtando de cerca d'um terço a extensão da peça. Todos acharam encantadora a symphonia, que não durara mais de meia hora.

«Positivamente era rasoavel que se supportasse uma vez por variar, musica de Beethoven!!»

Os solistas exercem maior attractivo. Devem comtudo ser extranhos á localidade, pois que n'este caso tanto lhes exaltam o talento, a graça, os progressos, quando sympathicos, como os deprimem violenta e injustamente, quando antipathicos, sem que se preocupem com o modo porque cantem ou toquem. Mas o publico reserva-se, guarda todo o enthusiasmo para o grande acontecimento do concerto: a apresentação do *virtuose*, da celebridade!

Esse cantor, pianista, violinista, flautista, é o omnipotente, o despertador poderoso de todo o auditorio somnolento. Se estamos n'uma capital de provincia, veiu de Paris, sem duvida; se apenas estamos n'uma cidade secundaria, então veiu expressamente da capital do districto. Seguro d'antemão do successo, o artista que absolutamente se zomba da Arte, a mais das vezes, obtem effeitos surprehendentes, e extasia tanto as formosas damas quanto arranca os melhores applausos aos graves cavalheiros. Arioso mais ou menos engrinaldado, grande phantasia em cinco andamentos, thema com variações, garganteios os mais deslumbrantes, teclado que durante 15 minutos executa a mais prodigiosa onomatopeia d'arpejos, arco imitando até á perfeição o rascar dos phosphoros rebeldes na respectiva caixa, tudo isso produz no auditorio os effeitos do puro de-

lirio, e de pé, offegantes, quasi sem respirar, applaudem, reclamam bis, tris, e o triumphador volta uma e muitas vezes, e para recompensar a oração portentosa accrescenta ainda como ultimo *canto do cysne* algum trecho de factura propria, que o auditorio proclama inexcedivel e inatingivel!

Mas o que existe de musica em tudo isto? Quem pensou n'ella sequer, julgaes que a Arte conte por qualquer cousa n'estes inqualificaveis torneios, que formam legião pelo numero, ou que resulte d'elles algo em prol da diffusão do sentimento musical? O que é que falta aqui para attingir um fim elevado, senão as deficiencias organicas do programma? A correlação indispensavel, não só entre os diversos numeros, mas ainda a que deve encontrar-se entre os interpretes que o executam e o auditorio que o ouve. Esse *virtuose* estrangeiro que com a garganta ou dedos tão fortemente vos impressiona confisca em seu proveito as attencões que recusaes tantas vezes ás manifestações locais mil vezes mais interessantes. Deveria estabelecer-se uma forte propaganda no sentido de convencer os publicos que os esforços das respectivas Sociedades musicas aproveitam bem mais ao desenvolvimento do gosto, de que as exhibições de quaesquer profissionaes extranhos, e que só cuidam do proprio interesse e proveito. Só a estreita sympathia das affecções estheticas aproveita á expansão da Arte musical. Pela intimidade e frequencia de repetidos e serios ensaios consegue-se basear as reciprocas aptidões. Deveis fazer conhecer aos vossos irmãos, parentes, amigos, reunidos na assistencia, as obras-primas dos grandes mestres, forçando-os por considerações extrinsecas á communhão espiritual comvosco de Bach, Beethoven e Wagner. E para isso o que urge? Trabalhar, persistir, organisando-se consoante os meios de que se dispõe, ainda quando modestos! Convencei-vos de que tereis mais feito pela vulgarisação da musica, estudando seriamente e executando-o conscientemente, n'um salão de Paris ou de qualquer cidade provincial, um quartetto de corda, ou uma simples transcripção symphonica para piano a 4 mãos, violino e violoncello, do que concorrendo á audiçãõ de alguns numeros por um interprete afamado. E se acaso quereis aproveitar o exemplo dos *virtuosi* associai-vos ao seu talento, ou acompanhando-lhe um concerto, ou pedindo-lhe de se encarregar dos solos n'algum *O-atorio* de que com tempo e estudo organisareis os respectivos córos. Entre elles e vós outros, entre auditores e executantes ficarão estabelecidos esses laços que ha pouco reclamava como indispensaveis, e então

a *Musica* figurará condignamente n'esses festivaes!

Objectar-se-ha que n'esses concertos cuida-se principalmente de divertir-se, distrahir-se, e que portanto pouco importam os progressos. Não é verdade, as intenções do publico são outras, como se pode reconhecer pelos discursos pomposos proferidos em qualquer cerimonia d'imposição *das palmas* a qualquer chefe de phylarmonica, de fanfarra ou d'orpheon!

Alem d'isso, o auditorio já hoje se diverte menos n'essas reuniões, ás quaes concorrem por snobismo, e ou somnolentam ou conversam durante o tempo da sua duração.

Mas acima de tudo, a musica não deve ser um divertimento, mas sim uma paixão que se cultiva fervidamente. Porque ella é santa, ou mesmo, como a julga Tolstoi—espantosa, horrorosa, em qualquer dos casos não se deve brincar com ella, mas amal-a!

E amando-a, sentimo-nos capazes de por ella praticar esses esforços á custa dos quaes eu quereria ver modificar inteiramente a defeituosissima organisação de concertos. O amor da musica, como todas as paixões sinceras, é o reflexo d'esse amor divino de que falla tão eloquentemente a *Imitação*: «Sustenta um pezo que não opprime; tende ao mais elevado, sem que possa detel-o qualquer das cousas do mundo. O amor quer ser livre e solto de todas as affecções mundanas. Nem sente o pezo, nem calcula o trabalho: antes deseja executar mais do que pode, e não se escusa d'impossibilidades, sabendo que tudo lhe é permittido e possivel. Portanto é capaz de tudo, e emquanto o que não ama se abstem e desanima, aquelle que do coração se devota, ha-de acabar por tudo vencer».

JOÃO D'UDINE.

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LI

De Lisboa

N'esta divina luz que envolve a nossa terra quantos não vêem, querida amiga, um alto e claro signal do muito que Deus nos ama!

Eu—ai de mim—que não tenho essa fé viva e que chego até a suppôr que o Eterno tem porventura mais que fazer que mostrar preferências por quem tão pouco as merece, eu confesso todavia, que será difficil se

não impossível encontrar recanto algum do mundo onde realmente a nossa visão gose d'um espectáculo igual.

Caminhar por estas manhãs floridas de junho e ainda de julho por certos e privilegiados logares da paisagem portugueza, contemplar os altos das serras, os concavos dos vales, o verde dos campos e o azul dos rios, demorar-se, um instante que seja, a fixar na retina a *mancha* ideal d'esta ou de aquella aldeiasinha perdida entre as voltas do caminho ou debruçada nas dobras da montanha, constitue um d'esses prazeres supremos que não se olvidam mais.

Ainda um d'estes dias ao atravessar o vasto campo de Tancos rescendendo a todas as essencias unicas do rosmaninho e da esteva, da giesta e da flôr da murta, ao percorrer a pittoresca e tão limpina Constancia, ao admirar as margens verdejantes do Zezere e do Tejo, e essa linda cousa, a junção dos dois rios, e, por uma natural associação de idéas, ao evocar em mente a encantadora e inesquecível paisagem de S. Pedro do Sul, com o seu surprehendente desvão das thermas de D. Amelia, e o sempre grandioso e incomparavel Bussaco, cathedral de verdura onde em naves infindaveis como que perpassa o proprio espirito de Deus: eu perguntava a mim proprio porque não será Portugal a estancia predilecta d'esses fastientos e opulentissimos nababos que pelo mundo passeiam a sua ancia de imprevisito e a sua sede de sensações.

Lembrando-me porém que tanto elles como até outros, que não são elles, exigem certos commodos e confortos que a natureza, ainda quasi selvagem, da terra portugueza não pode, não sabe nem quer proporcionar, de prompto me aquietei com a resposta que implicitamente vinha envolvida n'esta lembrança, e passei a pensar n'outra cousa.

E então me occorreu que deverão ser bem felizes os netos dos filhos dos nossos filhos, que já certamente encontrarão um Portugal rejuvenescido e *civilisado*, sem aliás perder o seu cunho particular e caracteristico, porque tambem, francamente lh'o confesso, se para melhorar e progredir, elle tem de perder a sua feição pessoal e propria, julgo preferivel que se mantenha mesmo bravio e a certos respeitos meio inculto, porque apesar de tudo, sempre encontrará alguns bons olhos para o verem, alguns bellos espiritos para o admirarem e finas sensibilidades para o amarem...

Depois, já n'esse tempo devem de existir em plena floração deliciosas e preciosissimas plantas de que agora vem sendo lançada á terra o germen promettedor e fecundo.

Ouvindo por exemplo uma d'estas ultimas noites, em inestimavel serão intimo de meia duzia de *fieis*, as tão caracteristicas, tão inspiradas e tão portuguezas composições musicas d'essa subtil e superior artista que é a sr.^a condessa de Proença e onde não se sabe que mais admirar se a sobriedade da factura se a elevação do pensamento, mas onde o que desde logo transparece, mercê de quem as compoz e trabalhou, é a alma nacional nas suas cambiantes varias e uma imaginação culta nas suas exigencias e modalidades innumeradas, e applaudindo com todo o calor e ao mesmo tempo com toda a devoção o talento tão flexuoso e tão vibratil d'essa grande, d'essa assombrosa pianista que se chama D. Elisa Baptista de Sousa: nenhum de nós, nem o mais pessimista, nem o mais descrente, pôde convencer-se que tenhamos de para todo o sempre viver *n'essa apagada e vil tristesa* de que falou o epico, e que uma bella manhã, não de nevoeiro mas de sol luzente e coruscante, o D. Sebastião dos nossos sonhos, venho a dizer, o Portugal novo não acabe por imporse, deslumbrante e victorioso, a todos os que então por cá viverem.

Por agora e para pôr um fecho d'ouro n'esta minha carta parda, resta-nos, consolarmo-nos todos, com a leitura de livros amigos como essas *Mil Trovas* que a fina esthesia de dois espiritos de eleição Alberto de Oliveira e Agostinho de Campos, colligiram e publicaram, e que sendo o melhor, o mais bello, e simultaneamente o mais fiel espelho do character lusitano, constituem filão inexgotavel para artistas, para musicos, para poetas, para todos quantos em summa adoecem da sagrada doença do pensamento e vivem no sonho e para o sonho, que ali encontrarão, por vezes genialmente estereotypadas, as paixões fundamentaes da nossa gente, e n'um ponto de vista mais largo, as proprias qualidades animicas da nossa especie.

E' pegar no livrinho ao acaso e sairemos gemmas d'este quilate:

Não te rias de quem chora,
E' coisa que Deus ordena
Póde a roda desandar
E penares da mesma pena.

Tudo o que ha triste no mundo
Tomára que fosse meu
Para ver se tudo junto
Era mais triste do que eu...

E como não posso transcrever tudo, vamos os dois ler o resto, V. Ex.^a n'essa sua

linda salinha, eu no meu pobre e solitario quarto, que raras vezes empregaremos assim o nosso tempo ou melhor deliciaremos as nossas almas

AFFONSO VARGAS.



Cornetim

Pensa-se actualmente muito a serio em substituir nas nossas orquestras o cornetim pelo clarim ou *trompette*. Já é tempo; o som rasgado e por vezes estridente do cornetim é indispensavel n'uma banda marcial, mas não tem a distincção e a suavidade precisas para a orchestra. Assim em todas as orquestras estrangeiras, bem organisadas, sacrificaram-se os cornetins e os trombones de piston, cujo timbre se julgou demasiado vulgar e incolor, voltando-se ás *trompettes* e aos trombones de varas que parecem satisfazer por completo as exigencias dos symphonistas e dos maestros.

Portugal, na forma do louvavel costume, mostrou-se conservador por muito tempo, até que um dia a *Escola de Musica de Camara* veio mostrar com o famoso septuor de Saint-Saëns que a *trompette*, tocada por um artista como Martins, tinha de dethronar por uma vez o cornetim das nossas poucas orquestras de concerto e de acompanhamento.

Já alguns dos nossos principaes cornetistas, Martins Junior, João Lopes e outros, se forneceram de *trompettes* e as empregam sempre que tem de tocar nas orquestras. Esperemos agora a vez do trombone de varas e oxalá que se não hesite em resuscitar o velho instrumento, que afinal ainda não foi cabalmente substituido.

A proposito da importancia que este genero de instrumentos teem nas orquestras e como complemento a um artigo que sobre o assumpto sahiu em tempos na *Arte Musical*, vamos traduzir uma carta que o celebre cornetista Arban dirigiu ao nosso amigo Domingos d'Oliveira Gaya, que como se sabe tambem se dedicou muito a esse instrumento.

A carta tem 24 annos de idade e portanto está ainda o *cornetim* absolutamente senhor do campo.

Venesa. 17 de junho de 1879

Caro collega

Em resposta á carta que me fez a honra de me dirigir, communico-lhe com prazer a

informação que deseja, com respeito á importancia dos cornetistas nas differentes orquestras de Paris.

Na grande Opera, no Theatro Italiano, no Theatro Lyrico, na Opera Comica etc. os cornetistas são tratados no mesmo pé em que os primeiros instrumentos de sopra. Mas como é mais difficil encontrar um bom cornetista ou um bom primeiro trompa do que bons flautistas ou clarinetistas, nas orquestras de concerto o cornetim, a trompa e a *trompette* ganham mais do que os professores de instrumentos de madeira.

Assim nos concertos populares de Pasdeloup, o meu discipulo Chavanne ganha 50 francos por concerto emquanto que o primeiro flauta não tem mais que 25.

Na minha orchestra, o cornetim recebe 500 francos por mez, emquanto que o clarinete, a flauta e o oboé não teem mais de 250. Nos concertos de verão e estações de aguas é ainda o cornetista o que melhor retribuição tem.

Um cornetista de talento póde ganhar 800 francos e mesmo 1000 por mez, emquanto que os outros instrumentistas de sopra nem sempre attingem a metade.

N'uma palavra, sendo o cornetim um instrumento solista de primeira importancia, deve nas orquestras d'opera occupar *pelo menos* a mesma cathegoria dos outros professores, e nos concertos tem direito a melhor tratamento, vista a difficuldade em encontrar quem cabalmente desempenhe o lugar.

Queira acceitar, caro amigo e collega, a expressão da minha alta consideração.

(a) J. B. ARBAN.

Director d'orchestra e antigo professor do Conservatorio de Paris



DO PAIZ

Partiu para S. Sebastian, como de uso n'esta epoca, o eximio artista, sr. D. Andrés Goñi y Otermin, afim de dirigir os grandes concertos que n'aquella formosa estação balnear se costumam realizar durante o verão.

Agradecemos ao illustre musico a visita de despedida com que honrou esta redacção.



A *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* transferiu a sua séde para a Rua do Alecrim, n.º 17.

Esta prestimosa sociedade, cuja direcção pertence, como se sabe, aos srs. Anselmo de Sousa, Julio Cardona e Eduardo de Noronha, transmittiu a todos os interessados o respectivo aviso, em que tambem vem exaradas as condições de assignatura para a futura epoca de concertos, e que são as seguintes :

—As assignaturas são de 6:000 réis annuaes, podendo ser pagas mensalmente. Tem direito a entrada em 2 concertos e a todas as audições de alumnos.

Os assignantes tem alem da sua entrada uma senha de admissão para senhora.

Por cada senha de senhora a mais pagam 500 réis, não podendo retirar mais de 3 senhas em cada concerto.

Os assignantes que pagarem a sua assignatura por uma só vez tem o direito de reservarem gratuitamente os seus logares nos concertos.

Preferencia na compra e marcação de logares nos concertos e audições

Os bilhetes são distribuidos na Secretaria da Sociedade com a divida antecedencia e em presença do recibo da assignatura do mez que correr.

Para começar a gosar os direitos de assignante precisa ter pago pelo menos 4 mezes

As pessoas que estejam fóra das vantagens acima pagam 1:000 réis por cada entrada.

A comissão que dirige todos os assumptos artisticos é composta dos srs. Frederico Guimarães, Julio Cardona (director da orchestra) e Guilherme Ribeiro (director do orpheon), que tambem fazem parte do corpo docente da Escola, conjunctamente com a S.^a D. Rachel de Sousa e Srs. Marcos Garin, Moraes Palmeiro, José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Béraud.

As aulas são nocturnas e estão abertas de 1 de outubro a 30 de julho, abrindo em 15 de setembro a matricula para a inscripção dos alumnos.



Aproveitando as ferias da *Escola de Musica de Camara*, partiu para Valencia (Hespanha) o prestigioso violinista D. Francisco Benetó.

Regressará em fins de Outubro, quando a *Escola* recommençar os seus trabalhos.



Consta nos que o sympathico violoncellista hespanhol D. Manuel Calvo, que tem estado por vezes em Lisboa, virá na proxima epoca tomar parte na orchestra de S. Carlos, conjunctamente com sua esposa, que é como se sabe, uma excellente harpista.



O director d'esta revista foi convidado pela redacção do importante jornal parisiense *Le Monde Musical*, para n'elle collaborar com uma chronica do movimento musical portuguez, durante a epoca finda.



Havendo muitas pessoas que se nos tem dirigido para fazer acquisição do *Diccionario*

biographico de musicos portuguezes por meio de entregas periodicas, resolvemos abrir uma assignatura d'essa notavel obra de Ernesto Vieira, juntando-lhe, egualmente em fasciculos, o *Diccionario Musical*, do mesmo auctor (2.^a edição), que tambem ultimamente adquirimos.

Para que estas duas notaveis obras, que devem figurar na estante de todos os musicos e amadores, possam tornar-se accessiveis a todas as bolsas, estabelecemos um modico preço para cada entrega — cem réis, recebendo cada assignante 8 paginas do diccionario musical e 16 paginas do biographico e no fim da assignatura, gratuitamente, os 33 retratos *hors texte* que ornam esta ultima obra.

Facultamos tambem a assignatura separada de cada um dos diccionarios.



Está no Porto a grande banda militar do regimento 37, de Murcia, que foi dar um concerto no coreto-palco do Palacio de Crystal, d'aquella cidade. Acompanharam-a cinco officiaes superiores do exercito hespanhol.



Ha na capital do norte um novo *Orpheon*, organizado e dirigido pelo professor Arthur Angelo, filho do fallecido Miguel Angelo Pereira.

Compõe-se o *Orpheon* de 45 cantores e estreiou-se em uma *matinée* no theatro de S. João, a 12 do corrente.



Conforme o costume, damos a lista dos alumnos que concluíram os respectivos cursos, nos exames a que se tem procedido n'estes ultimos dias no *Conservatorio Real de Lisboa*.

CURSO GERAL DE PIANO

Angelo Felix de Sousa Barata..	10 valores
Carlota J. de Moraes Palmeiro..	10 »
Ermelinda de Jesus Godinho...	8 »
Gertrudes Maria de Barros. . . .	10 »
Helena Augusta N. da Silva. . .	9 »
Henriqueta Augusta Motta. . . .	8 »
Judith A. P. da Silva Chaby . . .	8 »
Judith Pires Vianna.	9 »
Leonidia L. F. California.	9 »
Lucilia Eugenia Pereira	9 »
Maria José Rodrigues Bastos. . .	9 »
Palmira da Conceição O. Praça.	9 »

SOLFEJO PREPARATORIO DE CANTO

Alice E. dos Santos Choque . .	7 valores
Angelo Felix de Sousa Barata..	8 »
Hugo Casimiro Vidal.	8 »
Maria Magdalena Simões Alves.	7 »

CANTO INDIVIDUAL E COLLECTIVO

Emma Antonia Nizza	9 valores
Judith A. P. da Silva Chaby . . .	9 »
Julio de Sousa Camara.	9 »

REBECA

Ivo Frederico da Cunha e Silva.	9 valores
Philomena Cabral da Rocha . . .	9 »

OBOÉ

Wenceslau do Amaral Pinto . . .	10 valores
---------------------------------	------------

Recebemos a amavel visita do joven violinista Raul da Silva Pereira, que, como se sabe, tem estado a trabalhar o violino em Berlim sob a direcção de Joachim e outras celebridades allemans.

Vem em goso de ferias.

Por ignorancia não alludimos no ultimo numero a uma encantadora festa artistica que organisaram no Porto em 27 de junho os irmãos Dubini e de que só agora temos conhecimento.

D. Armanda e Carlos Dubini que ha poucos annos vivem na capital do norte, tem confirmado cada dia mais os seus creditos e gozam hoje ali de uma notoriedade perfeitamente merecida.

Os jornaes do Porto, que temos á vista tecem os mais calorosos elogios á festa de 27, em que os eximios artistas tiveram occasiao de apresentar um nucleo de discipulos, que constituem a sua melhor gloria.

Destaca-se entre elles uma encantadora creança, Ophelia d'Oliveira, violinista já hoje distincta apesar de muito joven e que será talvez uma das triumphadoras de amanhã.

No violino ainda se distinguiram outros alumnos, Antonio Lopes, Antonio Ferreira e Jayme d'Oliveira.

No piano tambem se revelaram notaveis vocações, citando os jornaes do Porto com louvôr as seguintes senhoras e meninas, D. Haydée d'Andrade, D. Maria Judith de Mello, D. Maria Pizarro Monteiro, D. Alice Martins, D. Esther, D. Amelia e D. Elisa Guimarães, todas discipulas de D. Armanda Dubini.

A professora de canto, D. Luiza Chiaramonte, que exerce a sua profissão tambem no Porto, fez ultimamente na Foz um ensaio de discipulos que foi muito elogiado pela imprensa local.

O nosso presado collega *O Dia*, de 13 do corrente, encerra um interessante artigo historico sobre o theatro das Laranjeiras, de-

vorado por um incendio ainda em vida do seu primeiro proprietario, o barão de Quintella, depois conde de Farrobo.

DO ESTRANGEIRO

Ricardo Strauss compoz uma nova obra symphonica, intitulada *Taillifer*, que, segundo os designios do auctor, será estreada em Zurich, um dos cantões da Suissa allemã.

O reputado musico e director de orchestra allemão Felix Weingartner acaba de contrahir casamento em Munich com a baroneza Fedora de Dreifus.

Segundo noticia que colhemos nos jornaes estrangeiros, o grande barytonio Victor Maurel, que a nossa plateia de S. Carlos teve mais de uma vez occasião de admirar, abandonou de todo a carreira theatral e abriu em Paris um curso de aperfeiçoamento de canto lyrico.

Por iniciativa de Mr. Kess, director do Conservatorio de Moscov, projecta-se realisar no dia 1.º de dezembro proximo, em que se completa o primeiro centenario do nascimento do grande Berlioz, uma representação colossal da *Damnation de Faust*, em cuja interpretação figuram a celebre cantora Van Zandt e o tenor russo Sobinow. Foi na Russia que Berlioz encontrou, primeiro do que em outro paiz, ferventes admiradores e entusiastas, que repetidas vezes o convidaram para ir dirigir concertos, onde alcançou os mais ruidosos successos. Na sua correspondencia figuram numerosas cartas trocadas com diversas notabilidades musicas da Russia, como Lvow, Balakview e Stassow.

A 26 de junho devia julgar-se em Roma, perante o Conselho d'estado, o recurso interposto pelo compositor Mascagni, contra a demissão que lhe foi dada de director do Lyceu musical de Pesaro. Os actos judiciaes seriam sustentados por parte de Mascagni por um Conselho de advogados, entre os quaes se contam algumas celebridades do fóro de Italia. Não é ainda conhecido o resultado do julgamento, que será a ultima palavra da longa contestação que existe ha annos entre Mascagni e a administração do Lyceu de Pesaro.

N'um theatro dos Estados-Unidos, o tenor Wilson atacado de «grippe» e portanto impedido de cantar o seu papel, depois de prévio aviso ao publico, assobiou-o em vez

de cantal-o. Segundo o jornal que dá esta nova obteve um successo não menor do que o que habitualmente costuma alcançar. Se a moda pega está feita a fortuna d'alguns *especialistas* que por cá existem.



Na audição solemne das provas publicas dos seis concorrentes ao premio de Roma, a que se procedeu no Conservatorio de Paris, alcançou a primeira classificação Mr. Laparra, discipulo de Gabriel Fauré. Os interpretes da sua cantata foram Mademoiselle Demougest, da Opera, e Mrs. Devriés e Vieuille, da Opera comica.



Um rico americano, oitenta vezes millionario, acaba de adquirir o grandioso edificio onde esteve installado o commando geral militar de Paris, na Praça Vendôme, pela somma de 2.700:000 francos. No local construir-se-ha um theatro, verdadeira maravilha de elegancia e bom gosto, que terá o nome do fundador, cujo busto decorará o atrio d'entrada, e onde as obras lyricas executadas sel-o-hão exclusivamente pelas primeiras celebridades existentes do canto. Embora a noticia seja ainda reservada, comprehende-se quanto ruido suscita na sociedade parisiense, desde já.



Saint-Saëns leu ultimamente á Academia das Bellas Artes um trabalho sobre as lyras e citharas antigas.



O grande festival executado em Londres, em honra de Haendel, teve lugar no Palacio de crystal com o concurso de 4:000 executantes, entre côros e orchestra.

Quatro das mais notaveis produções do celebre compositor foram ouvidas na integra: Messias, Israel, Acis e Galathea, Salomão. Os solistas eram todos inglezes, afóra Madame Albany, a reputada cantora americana.



Cada vez é maior a desintelligencia entre os organisadores das já agora celebres festas que deviam ter lugar em Berlim por occasião de inaugurar o monumento de Wagner. A's demissões dadas precedentemente por Hans Richter e Felix Mottl, junta-se mais a do Kappelmeister Rahler.

Mais ainda, o imperador Guilherme permittiu-se examinar o projectado programma das festas, e com a omnipotencia da sua phantasia rejeitou-o em grande parte.

O novo programma, organizado segundo a vontade e ordem do imperador, não foi

acceite por toda a commissão, notoriamente por Mr. Trade, genro de Wagner. O presidente da secção da imprensa na commissão das festas acaba de enviar a sua demissão por desaccordo com os restantes membros. O que sobrevirá ainda a esta malaventurada empreza de glorificação posthuma de R. Wagner?



O programma de Bayreuth, para o futuro anno de 1904, compor-se-ha das obras *Tannhäuser*, *Parsifal* e *Annel de Niebelungen*.



Durante os mezes de encerramento da Opera de Vienna será rebaixado consideravelmente o local da orchestra. As despezas d'esta obra foram orçadas em 80:000 francos.



O compositor Giacomo Puccini, victima d'um accidente d'automovel, ficou imperfeitamente curado da perna que fracturára. Segundo as experiencias feitas com o radioscopio, a contextura dos ossos não soldou devidamente, devendo o maestro sujeitar-se a nova operação para obter a cura radical e perfeita.



Em Reggio Emilia acaba de se cantar uma nova opera extrahida do drama de Coppée, *Severo Torelli* por Erminio Manzini e musicada por Pietro Meloni. Conta seis personagens de importancia musical, e ao que parece foi acclamada com exito no seu inicio.



Em Milleville, ainda nos Estados-Unidos, o pastor da igreja methodista episcopal organisou um *côro* de trinta assobiadores habéis que serão os interpretes dos canticos sagrados. Ao que parece o exemplo do tenor Wilson que por affecção grippal recorreu ao expediente de assobiar em vez de cantar a sua parte, fructificou depressa.



Um antigo barytono da Opera, Mr. Sizés vae abordar o genero de tenor de meio caracter na Opera comica, na próxima estação d'inverno. Ao que parece formam se fagueiras esperanças ácerca do seu concurso no novo repertorio a que se dedicou.



Para o concurso musical de Grenoble, por occasião das festas em honra de Berlioz já adheriram 160 sociedades de musica de França, Italia, Suissa, etc. Ernesto Reyer o celebre compositor e antigo discipulo do grande musico é o presidente d'honra das

festas, e prometeu ir pessoalmente, sem embargo da distancia que tem a percorrer. O presidente Loubet offereceu um magestoso vaso de Sévres para ser distribuido como recompensa no acto do concurso. Um representante official de Monaco irá igualmente assistir em nome do seu soberano.



Por occasião da Exposição de Limoges haverá um concurso magno de orpheons bandas e fanfarras. A 15 de Agosto serão as provas das sociedades choraes, e a 16 das fanfarras e estudantinas. Haverá varios premios de valor, medalhas e diplomas. A inscripção das sociedades participantes encerrar-se-ha irrevogavelmente a 15 de Julho, devendo toda a correspondencia respeitante ao concurso ser expedida a Mr. Roby, director da fanfarra de Limoges.



A cidade de Rochefort em França apresentou uma novidade lyrica, uma obra em 4 actos, com o titulo *Luiç IX*, de que é auctor da musica o conde de Beaufranchet, que dirigia pessoalmente a execução da sua obra, a que o publico fez o melhor acolhimento.



Uma opera cujo assumpto é a vida de Santo Antonio, e titulo *il Santo* representou-se ultimamente em Veneza, e não obstante a insignificancia ridicula do poema, agradou bastante a parte musical. Em compensação o *Quare*, de Galignani foi atrocemente *fischito*, sendo unanime o juizo severo da critica italiana.



Bolonha conta mais um prodigio em musica. Alberto Spalding de quatorze annos acaba de ser diplomado por unanimidade, professor de violino no Conservatorio de aquella cidade, accrescentando ainda, apoz o exame, o presidente do jury as mais lisongeiras e sympathicas referencias ao joven artista-prodigio.



Annunciam os jornaes de S. Petersburgo, que a princeza Helena Georgjewna de Saxe-Altenburgo, se occupà n'este momento em organisar, a suas expensas, a publicação das *Cantatas* de Bach, em lingua russa. Já foi feita a traducção do texto allemão e devidamente approvada pela censura ecclesiastica orthodoxa.



Annuncia se para breve o casamento do grande pianista Eduardo Risler com a nora de um architecto muito conhecido em Paris, M. Girette.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos o 2.º numero de uma nova revista, que sob o titulo de *Aguilhadis* está publicando no Porto o sr. Paulo Osorio. Assemelha-se na orientação ás antigas *Farpas*, suggestivo folheto em que o espirito de Eça e de Ramalho poz durante annos a nota de uma alacre mordacidade e de uma rara firmeza de observação.

Occupam-se tambem as *Aguilhadis* de critica d'arte, de politica e de costumes, campo vastissimo de acção, em que o illustre escriptor, se quizer ser sempre justo e imparcial, terá que levar muitas vezes ao lume o ferro do seu pampilho... Porque a maior parte dos nossos males está pedindo cauteiro urgente...

E' muito interessante este segundo numero, que lemos gulosamente de uma assentada. Trata tambem um pouco de musica. Depois de apreciar na sua dupla feição de pianista e de compositor o talento primacial de Oscar da Silva, que como noticiámos, deu ultimamente um bello concerto no Porto, faz as seguintes considerações, que pedimos licença para transcrever.

«É logo este concerto me fez pensar no desamparo em que essa linda arte da musica vae indo na nossa terra e me recordou a necessidade de fazer ahi uma larga propaganda orientada e perfeita, methodicamente educando os que não sabem e satisfazendo, nos iniciados, tantos vivos desejos de boa arte.

A educação artistica do nosso publico está por fazer inteiramente e em frente da ignorancia e consequente indifferença da maior parte, a desmoralisação do artista vem, com frequencia, a pôr uma nota deploravel na maioria dos concertos que ahi vemos. Deante de um publico de ouvido pouco afeito e de uma esthese vagamente duvidosa, o artista mal cuida de ser probo, executando com respeito os originaes dos mestres e não estuda, não ensaia, não pensa, com os estímulos do exito, n'um successo que não seja arrancado com habilidades technicas de polichinello, mais ou menos estropiadas, á grande maioria dos incultos».

E é assim, não ha que ver; o peor é que o remedio pratico e rapido se nos antolha absolutamente irrealisavel. Só o tempo, como factor maximo de todo o progresso, é que ha de ir diluindo lentamente o Erro e preparando gradualmente as gerações vindouras para a melhor comprehensão do Bello e para a satisfação d'Ideias que são por ora a nosso ver intangiveis.

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen
 » » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
 » » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
 » » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correiros, 92, 1.º

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES
 DA
CASA LAMBERTINI

Vieira — Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes (2 volumes).....	Rs. 4\$000
V. Hussla — 4.ª Rapsodia Portugueza.....	» 1\$000
Furtado — Zininha (valsa).....	» 500
Pereira — Natus est Jesus (canto).....	» 500
Mantua — Pas de quatre.....	» 500
Oliveira — Calças-club (Pas de quatre).....	» 500
Mantua — P'ra inglez vez (valsa).....	» 500
» Grata (valsa).....	» 500
Rover — Arte Nova.....	» 500
Pinto — Confidence (valsa).....	» 500
Mackee — Honey Moon (valsa).....	» 500
» Caressante (valsa).....	» 500

A ARTE MUSICAL!
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S. T HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN
 LUVARIA
 GATOS

—❖—❖—❖—

260, RUA AUREA, 270
 LISBOA

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de
 gravatas, colla-
 rinhos e pu-
 nhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES & C.^A
 108. R DES. PAULO, 110—Lisboa

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

Worm & Rosa

O maior e mais completo sortimento de machinas, accessorios, utensilios e productos photographicos.

Depositarios das principaes fabricas inglesas, francesas, alle-mãs e americanas, de artigos para photographias.

135. Rua da Prata, 137

LISBOA

ERNESTO VEIRA

Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

2 Explendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos, na sua maior parte absolutamente meditos

Preço brochado..... 4\$000 réis

Luxuosamente encadernados 5\$500 réis

Diccionario Musical

Ornado de numerosas gravuras e exemplos de musica

Preço, brochado 1\$800 réis



Bandolins italianos

GRANDE SORTIMENTO DESDE
8\$000 A 36\$000 RÉIS

ESTOJOS PARA BANDOLIM

Desde 3\$500 réis

ESPECIALIDADE em cordas inglesas e palhetas de tartaruga.

Enorme sortimento de methodos e musica para bandolim

Á VENDA NA:

Casa LAMBERTINI

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz. professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima. professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti. professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira. professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço. professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua. professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrès Goni. professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller. professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos. professora de piano e orgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Botelho. professor de piano, <i>Travessa de Santa Quiteria, 63, r. c., D.</i>
Carlos Goncalves. professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio. professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai. professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Elvira Rebello. profes.ª de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira. <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva. prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia. professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó. professor de violino, <i>Avenida. 198, 4.º, E.</i>
Irene Zuzarte. professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque. professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior. professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior. professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos. prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julieta Hirsch. professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet. professor de piano e orgão, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira. professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.^{me} Sanguinetti. professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes. professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin. professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco. professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto. prof. de piano e violino, <i>R. Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard. professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch. professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha. professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca. professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés. professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA